

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António Moura Pereira**

registada em 2009-02-10  
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira



## António Moura Pereira

António de Moura Pereira nasceu em 1921, a 14 de Setembro, no concelho de Pampilhosa da Serra, num lugar chamado Meãs, freguesia de Unhais-o-Velho. O pai chamava-se António Moura Pereira, a mãe Ermelinda da Conceição Pereira. O seu pai trabalhou numa casa rica, a tratar de um rebanho, até casar. Depois foi para as Minas, enquanto a esposa ficou a trabalhar na fazenda e a cuidar dos quatro filhos. Recorda as casas de lajes e pedra em que viveu, de Inverno morava no povo, de Verão na quinta. A infância foi passada a trabalhar, junto dos pais, a jogar a malha e o fito. “Os brinquedos era uma corda e uma roçadeira para roçar mato.” Aprendeu as letras apenas quando foi para a tropa. Aos 8 anos os pais deixaram-no a guardar umas ovelhas, numa terra perto da Moura da Serra. Mais tarde, continuou a guardar rebanhos no Sarzedo, até que aos 13 anos foi para as Minas da Panasqueira. Quando saiu foi trabalhar nas peneiras e de amolador de tesouras e navalhas. Mais tarde foi para França, trabalhar numa fábrica de telhas. Foi nas Meãs que conheceu a sua esposa, o “casamento foi no tempo da crise”, a festa foi difícil de fazer. Tiveram cinco filhos.

# Índice

Identificação António de Moura Pereira.....	4
Ascendência António Moura Pereira e Ermelinda da Conceição Pereira.....	4
Casa "Dormia-se em carrapato".....	5
Infância "Os brinquedos era uma corda e uma roçadeira".....	5
Educação "Quando fui para a tropa, não saía ninguém sem fazer o exame".....	6
Namoro "Tinha que se pedir ao pai se dava a rapariga ou não".....	6
Casamento "Tive que a mandar emancipar".....	7
Percurso profissional De pequeno pastor a homem das Minas.....	8
Ofício Com uma roda pelas terras.....	11
Migração "Levei dois anos sem cá vir".....	12
Costumes Resquícios de tradições que se perderam no tempo.....	13
Lugar "Andaram 25 anos para mudar a freguesia para a Moura da Serra"....	14
Avaliação Histórias de vidas ruins.....	16

## **Identificação *António de Moura Pereira***

O meu nome é António de Moura Pereira. Nasci em 1921, a 14 de Setembro, no concelho de Pampilhosa da Serra, num lugar chamado Meãs, freguesia de Unhais-o-Velho.

## **Ascendência *António Moura Pereira e Ermelinda da Conceição Pereira***



### **António Moura Pereira e Ermelinda da Conceição Pereira, pais de António Moura Pereira**

O meu pai, que Deus tem, chamava-se António Moura Pereira, também. A minha mãe chamava-se Ermelinda da Conceição Pereira. O meu pai era de uma aldeia perto daqui, Chãs d'Égua, numa terra chamada o Piódão. Foi para a Pampilhosa, para as Meãs, para uma casa rica que lá havia, guardar umas cabras. Guardava um rebanho de gado. De manhã, ia ao mato para botar ao gado. E, ao meio-dia, pegava na merenda às costas e ia-as botar até à noite. Depois, à noite, metia-as no curral. Ao outro dia, de manhã, pegava numa roçadoira e numa

corda e ia ao mato para elas. Almoçava e tornava-as a botar. Era a vida dele. Roçar mato e guardar gado. Fez aquilo até se casar. Claro, lá agradeceu a minha mãe, que Deus tem, e casou com ela. Quando se casou, foi para casa dele. Ainda trabalhou nas Minas. A minha mãe, que Deus tem, trabalhava lá na fazenda.

Éramos quatro irmãos. Morreram dois, escaparam quatro.

### ***Casa "Dormia-se em carrapato"***

Nasci na quinta, dentro da casa. A gente só tínhamos fazenda a um quarto de hora de lá para o povo. Naquele tempo, era casas de lajes e pedra. Lajeadas como agora ainda há aqui na Mourísia. Por dentro já era separada com madeira. Era dividida com frontais de madeira. Tinha dois quartos, a sala para a gente estar e a cozinha. E, por baixo, tinha uma boa loja para pôr as pipas do vinho. Tinha até duas. Era onde se metia as cabras. Tínhamos um rebanho de gado.

De Inverno, morávamos no povo. Tínhamos lá a casa para viver, um moinho, uma moenda na ribeira para moer a farinha. Não era todo nosso. Só tínhamos parte naquele moinho. E tínhamos um forno e lá se cozia o pão também. E, graças a Deus, só vínhamos para lá no Inverno. Depois, de Verão, íamos outra vez para a quinta.

Antigamente, não havia casas de banho em casa. Não era como agora. Ia-se ao mato, à fazenda. E para tomar banho, ia-se à ribeira. Só no Inverno é que se aquecia um caldeiro de água e púnhamos numa bacia grande. Tomava-se banho assim.

O ambiente era estarmos lá em casa a aquecer ao lume. À noite, comíamos a ceia e íamos para a cama. E antigamente, rezávamos! Nunca se levantava da mesa sem se fazer a reza. Nunca! Erguia-se as mãos para Deus Nosso Senhor e tinha que se rezar. O meu pai, que Deus tem, não deixava levantar ninguém da mesa sem rezar e pedir a benção aos pais. Depois, então, ia-se para a cama. Naquele tempo, dormia-se em carrapato, entre o meio dos lençóis para não se pôr a pé a roupa, nem as cuecas, nem as calças, nem as camisolas. Não era como agora. Agora, é outra vida. A vida é outra.

### ***Infância "Os brinquedos era uma corda e uma roçadeira"***

A gente, quando não trabalhava, estávamos em casa ao pé dos pais. E, outras vezes, ia-se para a brincadeira, jogar a malha, jogar o fito. O fito é: arma-se além um pauzito ao ar. Enterra-o bem. De outro lado, a gente atira para lá, para o tombar. Em o tombando 20 vezes, tem o jogo ganho. Mas andávamos mais por

aí a roçar mato. No meu tempo, não havia brinquedos. Os brinquedos era uma corda e uma roçadeira para roçar mato.

### **Educação "*Quando fui para a tropa, não saía ninguém sem fazer o exame*"**

As letras aprendi na tropa, em Tomar. Naquele tempo, não era como agora. Não eram obrigados a ir à escola. E, quando era aos 7 anos, aqueles que eram pobres iam para servir, para guardar gado. Não iam à escola. Depois, mais tarde, é que começaram-nos a obrigar. Éramos uns quatro irmãos. Os dois mais novos já aprenderam a ler. Já os obrigaram à escola. Só eu mais o mais velho é que não. Mas os mais novos, às vezes, para não ir à escola, até se escondiam no mato. Faziam lá uma leira para eles.

Quando fui para a tropa, não saía ninguém sem fazer o exame. Estava o professor a ensinar a ler, a dizer: aqui é assim, aqui é assado. E nós estávamos lá direitinhos a engrilar. A gente tinha que dizer o que diziam nas letras.

Aprendi lá à maneira deles e saí aos três meses. Tinha 21 anos. Foi quando foi a guerra. Quando começou a guerra, fui chamado outra vez. Estive à volta de dez meses na tropa. Mas eu já era casado. Casei-me antes de ir para a tropa. Como a minha mulher era filha única, ficou ao pé da mãe. E a gente era ali a marchar passo. Todos os dias a marchar passo:

- "Vá! Esquerdo, direito, direito, esquerdo!"

E obrigavam a cantar. Cantávamos o hino: "Às armas, às armas..." E cantávamos muita vez algumas coisas que eu já nem me lembro. Já há tanto ano.

### **Namoro "*Tinha que se pedir ao pai se dava a rapariga ou não*"**

A minha mulher esteve lá na minha terra, nas Meãs. Tinha um primo, que era alfaiate. Montaram lá uma alfaiataria. Depois, ela foi para lá mais outra prima aprender a costura, a trabalhar. E eu conheci-a lá. Ela era da família de lá e, é claro. Escolhi-a, porque gostei dela. Pedi-lhe namoro. Quem é que havia de ser? Então, as raparigas é que pediam namoro aos rapazes? Havia algumas que eram. Ela disse-me que sim. Mas, no fim de se pedir, tinha que se pedir ao pai se dava a rapariga ou não. Se ele dizia que dava, dava. Se dizia que não dava, não dava. Podia-se namorar contra a vontade dos pais, mas já era chato. E depois, claro, não ficávamos sozinhos.

Depois, ela veio para a Mourísia que era a terra dela. A primeira vez que cá vim, cheguei, ela tinha ido para a missa e eu esperei lá no largo. Quando ela veio,

é que comecei a conversar com ela. Todos os domingos vinha para aí. Vinha ao sábado. Dormia cá ao sábado à noite. E ao domingo à noite, ia para além, para a minha terra, para a gente ir trabalhar na segunda-feira.

### **Casamento "*Tive que a mandar emancipar*"**

A minha mulher chamava-se Deolinda Augusta da Costa. Faz um ano no dia 15 de Fevereiro que ela faleceu.

O meu casamento foi no tempo da crise. Tinha 21 anos. Nem se encontrava mercearia. Era difícil fazer a festa. Íamos vestidos com uma roupa boa, com um fato bom mas, naquele tempo, havia poucos convidados, porque não havia mercearia. Para me casar, gastei um ano de dinheiro.



### **António Moura Pereira e a esposa, Deolinda Augusta da Costa**

Tive que a mandar emancipar. A minha sogra só tinha aquela rapariga. O homem era de uma terrinha aqui de Sobral Gordo, mas foi para Lisboa. Ele queria que a minha sogra, que Deus tem, fosse para Lisboa. Mas ela tinha aí um sobrinho que lhe dizia:

- "Olhe que você vai para Lisboa e vai ver que ele tem lá uma amiga. Ele anda lá metido com a amiga. Depois, você tem que vir outra vez para cá."

Mais assim, mais assado. Ela foi na conversa dele, não foi. Pronto, ele nunca mais cá voltou. A última vez que ele cá veio tinha a minha mulher, nesse tempo,



4 anos. Nunca mais cá voltou. Eu nem nunca o vi. Depois, tive que a mandar emancipar, porque ela ainda não tinha a idade quando casei. Não se podia casar sem ter 21 anos. E eu tinha de ter também 21 ou 22. Já não me lembro. Julgo que eram 22 anos. Gastei muito dinheiro. Chamei lá seis testemunhas e fomos pôr que o pai era desaparecido.

Casei-me e fui viver com a minha mulher. Só vim para a Mourísia quando me casei. Só que aquele primeiro ano fui tropa. Estava em Coimbra um que era chefe da polícia. E eu pedi para ver se conseguia-me livrar e tal. Disseram-me que aquilo estava mau e para esperar para o outro ano se estivesse melhor. Já lá tinha andado três meses. Depois, fui chamado outra vez, tive que lá ir andar à mesma. Mais meio ano. Lá fui livrar o número. A minha mulher ficou na companhia da mãe. Senão, nunca me casava antes de ir para a tropa. Depois, a mãe dela esteve sempre na minha companhia até morrer. Só tinha aquela filha.

## **Percurso profissional *De pequeno pastor a homem das Minas***

### **Patrões velhacos**

Tinha 8 anos, tinha que guardar umas ovelhas aqui para o pé da Moura da Serra, uma terrinha que ali havia. Estive lá dois anos e dois meses. Os meus pais foram-me lá levar e no outro dia, de manhã, foram-se embora. Eu, quando acordei e me vi ali, comecei a gritar:

- Ai, quem me acode? Ai, quem me acode?

Vim para o pátio e queria sair de lá para fora. Depois, pronto, fiquei e lá estive.

Botava-se as cabras para o mato e guardava-as até à noite. À noite, vinham outra vez para o curral até ao outro dia de manhã. A gente ajuntávamos, às vezes, dois, três pastores uns com os outros. Era a vida. Nesse tempo havia lobos e lobas e tudo! Agarravam as cabras quando as apanhavam lá no mato. Eu nunca tive problema com os lobos. Mas noutros tempos, quando estava assim nevoeiro, eles saltavam nas cabradas. Quando se dava contas, já eles vinham com elas às costas, nos dentes.

Todos os dias de manhã, quando ia botar as ovelhitas, eles iam ordenhar e davam-me um copinho de leite a beber. Mas, depois, tinha lá a patroa que era velhaca como o diabo. Volta e meia, arrochava-me. Mas bem. A gaja não era das melhores. Arrochava-me por qualquer coisa que não acordava lá bem a ela. Oh! Uma vez estava lá a migar umas laranjas para as cabras e as ovelhas comerem

e veio o estupor para mas tirar do cesto. Veio com faca, fez-me uma cortadela numa perna! Fui logo arrojado nesse dia.

Depois, vim-me embora. Já não queria lá estar. Vim para uma casa ali para Sarzedo, para o pé de Arganil. Guardava umas cabras também. Aí estive só um ano, que o patrão era velhaco. Se eu me ajuntasse com outros pastores, à noite, já sabia que ele ia à cozinha. E no fim de comer:

- "Vá! Tudo em pé!"

A gente levantava-se logo em pé, era umas verdascadas ali! Era velhaco como quê. Um dia, os meus pais foram lá. Disse-lhes:

- Eu vou-me embora, que estou aqui a aturar este gajo! Este gajo é bem velhaco. Anda-me sempre a arrojado!

Fui-me embora. Mas os patrões diziam que não. Tiveram pena de mim. E, quando lá passava a trabalhar nas peneiras, comia sempre e bebia. Eram bons para mim.

Já não me lembra quanto ganhava nessa altura. Era pequenito. Mas pagavam-me. Então, não haviam de pagar? Estava de graça? Mas aquilo era mesmo coisa pouca. Quando estive ali no Sarzedo, era alguns 10 escudos por mês. Dava-os aos meus pais. Os meus pais é que levavam o dinheiro. Era tudo barato nesse tempo. Era no tempo dos meios tostões, 5 tostões. Havia notas em 5 tostões, o dinheiro em papel naquele tempo. Depois começaram a vir a 20 escudos, 50, 100...

## **14 anos nas Minas da Panasqueira**

Daí a pouco tempo, fui para as Minas. Fui lá pedir trabalho ao director. Tinha que levar uma certidão de nascimento, uma certidão de idade. Fui ao padre para passar uma certidão. Cheguei lá, entrego a certidão ao director. Pôs-me a mão na cabeça e disse:

- "Ser pequenito para 14 anos!"

Ele era estrangeiro. Parece que era inglês. Eu disse:

- Sim, tenho 14 anos. E está aqui a cédula!

- "Não, não. Ser pequenito. Eu ver isso e... Está falso!"

E não se enganou. Tinha só 13. O meu pai, que Deus tem, é que lá foi pedir ao padre para adiantar um ano, para me pôr na certidão com 14 anos, que era para me darem trabalho nas Minas. Ele pôs. Pronto, fiquei lá a trabalhar. Quando vinha o director, os fiscais lá daquilo mandavam os que não tinham idade para um valeiro. A gente ia-se lá esconder para aquele valeiro até o gajo se ir embora. Não podiam andar sem terem a idade. Era assim naquele tempo. Não era como agora. Era miséria.

Para lá, fui acartar molhos de brocas às costas para os martelos trabalharem. Aquilo era duro como o diabo. Depois, fiquei a carregar brocas com uma zorra de quatro rodas para os depósitos. Andei muito tempo naquilo. Mais tarde, quando já era mais velho, fui andar com os vagões cheios de cascalho naquelas linhas, em filão. Era trabalhar com uma "vagona" a carregar cascalho das Minas para a rua.

Trabalhei lá cerca de uns 14 anos. Naquele tempo, os martelos não trabalhavam a água. Eram martelos pequenos e trabalhavam em seco. Depois, mais tarde, é que já meteram martelos a água. Não faziam borralha. Os outros faziam muito pó! O veneno daquilo era a silicose. Morriam as pessoas debaixo da terra. Ali em São Jorge da Beira, lá perto das Minas da Panasqueira, as pessoas morriam aos 50, 60 anos. Pois, por causa das Minas. Naquele tempo, não havia onde se ganhasse nada e a gente ia para a ali. Era o piorio.

Lá dentro, havia capacetes, mas era só para os "marteleiros". Para a gente não havia. Era muito perigoso. Uma vez, ficou-me lá uma perna debaixo duma "vagona". Andei um ano sem trabalhar. E morreu lá muita gente debaixo. Morreu lá um sobrinho meu, que há pouco tempo se tinha casado. Coitadinho. Andava a trabalhar e caiu-lhe um liso de cima. Depois, ainda foi numa avioneta para Lisboa, mas chegou lá, morreu. Já não se conseguiu safar. É assim. Morreram lá muitos. Nessa altura, eu trabalhava com um martelo a fazer chaminés com 50 metros e mais. E a água a cair. Tinha que se pôr uma lata no gasómetro para modo de se ele não apagar. Isto era terrível. Morreu lá um da minha terra. Coitadito, caiu da chaminé abaixo, morreu logo.

Depois, fazia-se greves para eles darem mais dinheiro. Uma vez, andava lá um - que era o cabecilha daquilo - que combinava com o pessoal. Nesse dia, chegavam-se. Estava o pessoal todo para entrar, tocavam nuns ferros, uma sineta de ferro, que põem lá em cima, por a linha. Ting, ting! Era para entrarem para as Minas. Mas, em lugar de entrarem à mina para as Minas, cada um foi para suas coisas. Ninguém foi para as Minas. Entrando para as Minas, cada um ia para seu lado. Iam-se embora. Nenhum entrava à mina. Naquele tempo, quando se fazia uma greve, cada um ia para suas casas. Depois, andavam por as terras a chamá-los e tal para modo de eles irem trabalhar. Eles então:

- "Se é para dar o que se pediu, vão. Se não dão, não vão."

Depois, lá deram o que pediam e lá iam outra vez trabalhar. Um dia, estava o pessoal todo à boca da mina para entrar. Tocavam a sineta e ia já um por a mina acima. Um mandou-lhe uma pedrada. Ficou logo com uma pata no ar! Não deixavam entrar ninguém. O pessoal tinha que respeitar uns aos outros. Não era uns trabalhar e os outros não iam trabalhar, que assim não valia nada.

Fui para lá ganhar 5 escudos por dia! Foi o primeiro dinheiro que lá ganhei. Depois ia aumentando para 6, 7, 8... É a vida. Era o ordenado pequeno. Então,

saí das Minas. Trabalhava nas peneiras e de amolador. Já tinha saído das Minas há muito tempo, o meu irmão, que Deus tem, começou-me a dizer:

- "Ó irmão, vem para as Minas. Ganha-se lá bom dinheiro..."

Voltei para as Minas. Nunca para lá devia ter ido, mas caí na patetice de lá voltar outra vez. Aquilo era muito doentio com a silicose. Eu via aí. Estragava-nos os pulmões e alguns, em pouco tempo, morriam.

## **Ofício *Com uma roda pelas terras***

Saí das Minas e aprendi a fazer peneiras. Há muito tempo que já estava casado, mas não sei a idade que tinha. Aprendi cá na terra com um homem que aí havia. Já morreu. Ele dizia-me:

- "Vá, faz lá isso. Faz lá essa peneira."

Faz assim, faz assado. Lá ensinava como é que havia de fazer e eu fazia. Fazia os crivos, as ratoeiras, tudo. Depois, andava com ele por as terras. Hoje uma peneira custa aí 2, 3 contos. Compra-se cara a rede e madeira e tudo. Mas, naquele tempo, custava uma peneira 20, 25 escudos. Diziam-nos:

- "Olhe, faça-me lá uma peneira."

Nesse tempo, não havia trigo como agora. Tudo cozia broa, tudo cozia pão num forno aqui na aldeia. Cozeu-se ali muita broa e eram precisas as peneiras para tirar a farinha. Acho que ainda aí tenho o arco de fazer as peneiras, mas já não é desse tempo. E ainda aí tenho até rede. A madeira para as peneiras vinha de Mortágua, de uma terra chamada Vale de Açores. O arame vinha de Lisboa. Quem me ensinou, tinha uma casa em Lisboa onde comprava as redes e eu comprava lá a ele. Mandava-me vir de lá e eu lá tinha que dar também ganho a ele.

Nunca me ensinou a fazer os crivos. Um dia, eu fui pedir um crivo emprestado. Não tinha cá arame para o tecer. Fui buscar a farra para o tecido, para fazer a aranha com umas varetas de chapéus. E o primeiro que fiz ainda lhe ganhei por 20 escudos naquele tempo!

Depois, fiquei a trabalhar sozinho, por minha conta. Nessa altura, trabalhava de amolador. Amolava tesouras e navalhas. Uma vez, fiz uma viagem ao Porto e andei por lá dois meses com a roda. Era uma roda com umas rodas. A gente tinha a armação montada e, quando era para andar, levantava-se de trás e andava. Quando era para correr, baixavam-se os quatro pés, assentava no chão, lançava-se-lhe a corrente e toca de amolar. Ficava ali a trabalhar. Em São João da Madeira, estive 15 dias a trabalhar de amolador. Ia compor chapéus, amolar tesouras e compor loiça, pôr os gatos em loiça. De São João da Madeira ao Porto são 40 quilómetros. Cheguei a Vila Nova de Gaia, deixei ficar a roda e desci por

ali abaixo, directo ao Porto. São dois quilómetros, lá diante ao Porto. Numa rua que chamavam a Rua de São João, vim descobrir arame para os crivos e para as ratoeiras e rede para as peneiras. Depois, comprei-a. Só a encontrei à noite. Já vinha lá da casa donde tinha comprado a rede e arame, encontrei um homem, um rapaz amigo que era conhecido, que foi carregar uma camionete de ferro para uma oficina que havia ali em Tábua. Diz ele:

- "Então, o senhor vem para aqui?"

- Pois vim para aqui.

- "Então, não quer ir com a gente?"

- Pois é. Mas tenho que pegar numa roda, que tenho em Vila Nova de Gaia.

- "Então, suba e ponha-se cá para cima. A gente passa por lá e leva-se a roda..."

Mas, nesse tempo, não se podia trazer nada nas camionetes, que era proibido. Então, ele diz:

- "A gente vai daqui à noite."

À noite, passámos por lá e trouxemos a roda, trouxemos tudo. Carregáramo-la e viemos. Já vim mais rápido.

Depois, vim para casa, peguei na roda para a feira de Mont'Alto. Todos os anos fazia uma feira no Mont'Alto. Ia para lá mais a minha falecida mulher. Saía para lá no dia 3. Só de lá vinha no dia 8. Levava um fardo de palha, estendia-se ali uma faixa, "amarrava" uma barraca e deitava-me naqueles dias. Vendia ali sempre 100, 150 peneiras.

Mais tarde, comprei uma bicicleta e montei uma armação na bicicleta. Tocava-se um assobio quando chegava a uma terra. Tinha um assobio como o dos capadores que vêm lá para capar. É fiiiiuuu!

- "Oh, lá vem um amolador!"

Hoje, tenho um filho meu, que mora aqui ao pé de Arganil, uma terra chamada Aveia, que é amolador também. Trazia-o até muita vez a cavalo na roda. Comecei por lá a trazê-lo pequenito, pequenito.

Também consertava a louça. A gente punha um gato. Punha-os com um alicate. Era o que se podia arranjar. Levava-se 2, 3 tostões por um gato na loiça. E isto quando se não levavam 3, 4 escudos nesta loiça Vista Alegre, nesta loiça fininha, que é fina e quebra. Nem todos compunham aquela loiça. Mas eu compunha muita dessa aí. Como era uma louça cara, eles mandavam arranjar.

## **Migração "*Levei dois anos sem cá vir*"**

Fui para França quando fiz a casa. Tinha lá já um irmão e ele mandou-me a carta de chamada. Mas os patrões de lá não sabiam bem como é que se fazia.

Então, fui ao pé das Minas a um gajo que lá havia, que fazia as cartas de chamada. Mas era tudo com ligação lá àquilo. Era preciso vir lá de França, lá dos patrões. Tive que dar 1000 escudos naquele tempo. Depois, fui para a França trabalhar. Ainda não tinha 45 anos. Estive lá desde 1966 até 1980.

Na França não é o clima como aqui. É um clima mais abafado, escuro, nunca se vê o sol tão descobertinho, tão puro como aqui. Os franceses falavam francês e a gente tinha que aprender também o nosso francês. Tinha que se aprender. Mas aprendi pouco e agora já me esqueceu de muita coisa.

Trabalhava numa cerâmica de telha. Andei a desenformar telha. E, quando era no Verão, o calor ali? Aquilo tanto era no Verão como era de Inverno. O calor dentro dos fornos tanto era de Verão como era de Inverno. Era a mesma coisa. Então, já se sabe, era difícil. Tanto trabalho tem as suas coisas.

Todos os anos cá vinha à aldeia. Só a primeira vez é que levei dois anos sem cá vir. E depois vim a Portugal e levei outros dois anos sem cá vir. Levei uma filha comigo. Depois voltei cá, levei mais uma filha comigo. Ao fim de cinco anos, levei mais um filho comigo a salto. Outro foi comigo. Cá para o resto, só cá estava uma filha ao pé da mãe. A minha mulher foi mais a filha que cá tinha numa carta de chamada. Ia-se de comboio. Saía daqui de manhã, por exemplo, e chegava lá ao outro dia a quase de manhã. Onde eu estava são à volta de 2500 quilómetros. Entrava a gente, em Santa Comba, para o comboio e andava. Depois de lá estar, tirei a carta e comprei um carro. Ainda hoje tenho ali a carta francesa e a portuguesa.

Voltei para a minha terra, porque também andava doente e já cá tinha um filho, que ainda aí está. E na França tenho lá quatro filhos. Tinha três raparigas, estão lá todas três. E tenho lá um rapaz. Lá estão ainda.

## ***Costumes Resquícios de tradições que se perderam no tempo***

### **No tempo das castanhas**

No Dia de Todos-os-Santos, fazia-se um magusto no largo e a malta ajuntava-se ali toda para comer e beber vinho. Ainda há poucos anos que a gente fazia lá um magusto. Era só a gente da Comissão. Agora, já está isto não é como era antigamente.

Quando se vem em cima, logo à entrada da povoação, tem aqueles dois castanheiros que ali estão. São meus aqueles castanheiros. Antigamente, "esbolava-se" a castanha, tirava-se um bocadinho de pele na frente e punha-se a cozer. Outra vez, era uma "mucegadela" na ponta para não se estragar e assava-

se. Comiam-se assadas. Se era para comer depois secas, punham-se no caniço. Depois punha-se numa panela a cozer e fazia-se sopa de castanhas. No fim de estarem cozidas, punha-se leite para dentro. A minha mãe, que Deus tem, fazia muita vez assim.

E nesse tempo não era como agora. Jejuava-se. Havia pessoas que jejuavam a Quaresma toda. Mas no dia de jejum fazia-se sempre um magusto e um rancho melhorado: uma panela de caldo de castanhas com leite para se comer ao meio-dia. Depois, não se comia mais nada até à noite. Não se podia comer senão duas vezes no dia. Ao meio-dia e à noite. De manhã, nesse dia, não se comia. Era assim a vida.

### **A matança do porco**

Na matança, chamava-se cá um homem para matar o porco. Deitava-se o porco em cima de um banco, estavam os homens a segurar e o matador e matava-o com uma faca. Não podia ser à cacetada. Depois vinha uma mulher a aparar o sangue num alguidar. Era para fazer as morcelas e as chouriças de sangue e tudo. Depois, chamuscava-se o porco, desmancha-se e faziam-se uns torresmos. Antigamente, salgava-se a carne na salgadeira e ia-se comendo todo o ano. Os presuntos, no fim de estar três meses no sal, tiravam-se, punham-se a secar na cozinha, ao fumo. Era assim para se ir comendo umas fêveras. Nesse tempo, não havia frigorífico, não havia nada. As chouriças punham-se no azeite para se não estragar. Quando era preciso, ia-se tirar ao pote do azeite.

### **Um cântaro escavacado e um gato a fugir**

No São João, às vezes, punha-se um gato dentro de um cântaro na ponta dum mastro. Empalhava-se o mastro com palha "pia cima"<sup>1</sup> e punha-se o cântaro lá em cima preso com uma corda. Depois, punha-se-lhe o lume cá no fundo. Chegava lá, queimava-lhe a corda, caía cá em baixo. Era o cântaro escavacado e o gato aí ia ele a fugir! A rapaziada, os homens é que faziam isso. Isso antigamente. Agora, já não há, já não usam essa tradição.

<sup>1</sup>por aí cima

## **Lugar "Andaram 25 anos para mudar a freguesia para a Moura da Serra"**



### **Monsenhor António Pereira de Almeida**

Mourísia é o nome que lhe puseram quando se legalizou a terra, aquando do princípio do mundo. Era no tempo que os mortos iam daqui para Pomares. Não havia carrinhas, eram os homens que os levavam. Eram duas horas com eles às costas, a pau e corda. Cada um pegava em sua asa e quatro homens é que os levavam na mão. No fim daqueles homens se cansarem, pegavam outros. Isto porque antigamente a freguesia da Mourísia era Pomares. Depois mudaram. Mas andaram 25 anos para conseguir mudar a freguesia para a Moura da Serra. E foi o Monsenhor Pereira de Almeida que puxou a freguesia para lá. Eu ainda o conheci. Até tenho ali um retrato dele. Era padre e professor no seminário da Guarda, a ensinar os padres. Mas ele era da Moura. Interessou-se porque era a terra dele. Gostava que se criasse ali uma freguesia e lá se conseguiu. Está lá no adro da igreja da Moura uma estátua dele e tudo.

### **Quando a saúde era entregue aos barbeiros**

Antigamente, só estava um médico em Côja e havia ali na Benfeita dois barbeiros. Chamavam-se José Augusto e Zé Maria. Aprendiam a receitar medicamentos. Esse tal de Zé Augusto aprendeu lá fora. Receitavam injeções, receitavam comprimidos, receitavam tudo.

Mas havia ali um barbeiro que sabia tão bem como os médicos. Era o tio José Augusto. A minha mulher, que Deus tem, teve a febre intestinal. Logo que



me casei ficou com uma doença que esteve quase para lhe levar. Nessa altura, morreram aí algumas cinco ou seis pessoas com essa doença. E esse barbeiro é que cuidou da minha mulher. Estava sentado ao lado dela para de duas em duas horas lhe dar o medicamento.

### **Avaliação *Histórias de vidas ruins***

Estas são coisas passadas de antigamente. E as pessoas de agora vão ver o que é que se passou. Há pessoas que não gostam, não se incomodam. Mas há outras que gostam de ver o que é que passou antigamente. É bom. As histórias de antigamente não são como agora. Eram vidas ruins para viver.